

'Não estou mais moderado, estou mais romântico'

Está com pressa e isso enerva-o. Está fatigado e isso assusta-o. Não gosta de partir nem de chegar. Gosta de estar. No átrio do hotel em Lisboa, Léo Ferré tem que dar mais uma entrevista, a enésima, antes de sair de Lisboa para os espetáculos do Porto. Maria, a sua companheira, pede-lhe quinze minutos para o «Se7e», e «o velho leão» diz que é de mais, que está cansado. Chegamos a acordo: oito minutos, peço eu. Sete, oferece-me ele. Que isto sirva de aviso ao leitor. Foi num instante que Léo Ferré disse tudo o que aqui vem escrito. É mágico. De início, ainda tomei apontamentos, mas, passados dois minutos, tive que disfarçar o meu encanto pela gentil violência das suas palavras porque a visão de pessoas embaçadas enerva-o. Fiz perguntas de rajada para o distrair. Mas tenho ideia de que ele percebeu. Deve estar habituado.

«**Não gosto de hábitos**», exclama. Mas tem o do tabaco, Gitanes ou Gauloises sem filtro, para morrer mais depressa. «**Isso é uma campanha publicitária, uma história dos médicos. Mostram uma falsa generosidade, preocupam-se contigo, 'o fumo faz mal'**». Só lhes respondo que tentem, nesse caso, ser coerentes. **Não respirem, enquanto vão na rua, por causa do fumo dos autocarros**». Lisboa está cheia de fumo, não está? «**Lisboa está linda, tem uma cor linda. E este sol! E esta luz!**» Quando é que vem viver para cá? Não disse que queria comprar uma casa das Azenhas do Mar? «**Disse, mas não posso. Como é que eu vinha cantar a Portugal se cá vivesse?**» Mas a questão é outra. Morador no Norte de Itália onde produz «**um dos melhores vinhos do mundo**», (outro é o vinho verde), proprietário de um castelo na Bretanha, Ferré não se quer mudar. Está velho, aos 71 anos? «**Não estou nada velho**», exclama. Cantou três horas seguidas, na Aula Magna, na noite anterior. No final, disseram-lhe «**deve estar cansado**» e ele perguntou «**porquê?**»

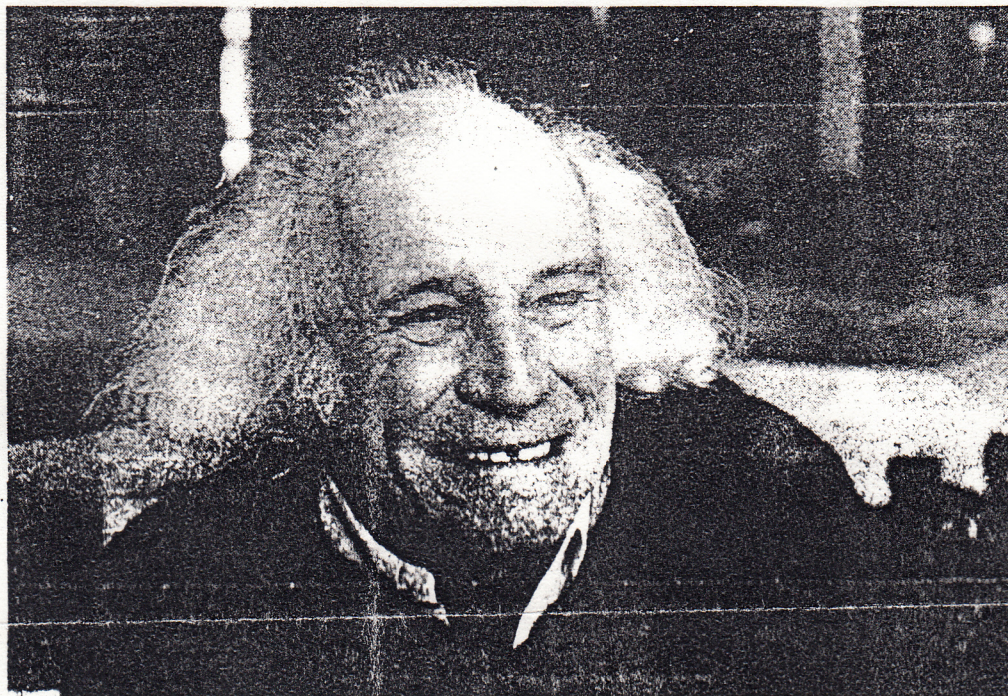


Foto Inácio Ludgero

Ferré: «Não gosto de hábitos»

ANTÓNIO COSTA SANTOS

Não se cansa? «**Não me canso**». Nem tem medo da morte. «**Deve ser uma mulher extraordinária, a Morte. Ela pega-te na mão e tu vais com ela para qualquer lado. És obrigado**». Pensa muito na morte, sabe que vai morrer «**e espera-o todos os dias**». Estando de boa saúde, «**é pouco provável que morra dentro de cinco minutos mas tudo é possível**». Não morrerá sem autografar a capa do «Se7e» da semana passada, onde surge à esquerda da Ninon, de Roque Santeiro. Autografa «**com paixão**» sobre a sua foto e inscreve a data nos seios da brasileira, terminando a assinatura com uma seta que aponta ao púbis de Cláudia Raia. «**O sexo, para mim, nunca foi uma preocupação psíquica ou intelectual... A sexualidade é uma preocupação sexual**». Viu muitos intelectuais na Aula Magna a beberem as suas palavras? Não sabe, não os conhece. «**Dizer intelectuais é de mais. Há pessoas inteligentes e pessoas estúpidas**». Os anos trouxeram-lhe a moderação?

«**Não estou mais moderado. Posso é estar mais romântico. Continuo a defender a violência das palavras. Não a violência física. No quotidiano sou pouco violento. A minha violência é a das palavras**». E avec le temps, vai-se tudo? O amor: «**O amor, não**». Então, a raiva. «**A raiva sem dentes mantém-se, já lhe disse**». O encantamento? «**Continuo capaz de me encantar. Uma flor encanta-me, por exemplo. Prezo a sensibilidade dos portugueses, encanta-me**». O público português é o seu público favorito? «**O público português é maravilhoso. Muito melhor do que o francês**». Como se dá com os públicos? «**Creio num sentimento que não é, ao contrário do que se costuma dizer, um pecado capital, mas sim uma qualidade: o orgulho. O artista é fatalmente orgulhoso, mesmo na miséria. Consegui o sucesso há muito tempo... Para certas pessoas, o sucesso representa o dinheiro e os cartazes. Para mim representou o facto de me ouvirem e de me compreenderem**».

Os portugueses compreendem-no, então, melhor do que os franceses... «**O público português é mais inteligente!**». E, no entanto, defende que a

responsabilidade do artista é assumida perante a sua obra e não perante o seu público. Não canta para as pessoas? «**É melhor não pensar no público porque se eu pensasse nele seria menos livre, refrear-me-ia. O artista que pensa o que vai dizer o público não faz mais nada**». Mas o público reage sempre bem? Desde que não seja indiferente, porque «**a indiferença é a inteligência antipática**». E Ferré gosta de ser simpático. Só quer que as pessoas apanhem pela frente as «**palavras que possuem dentro delas mas não atiram cá para fora**». Gosta da palavra maldição, da palavra loucura e da vida. «**A minha moral resume-se ao respeito pela vida**», afirma. É anarquista «**etimologicamente, porque nega toda a autoridade**». Reivindica para si o direito à distorção à liberdade total. A única tristeza da sua vida é a de não ter sido chefe de orquestra, porque «**dirigir uma orquestra é como fazer amor dez mil vezes**». Antes de entrar em palco, costuma dizer «**Daria tudo, neste momento, para ser um empregado de escritório**». Mas é um artista. Um louco. «**Simplesmente. sou um louco que pode andar sozinho na rua**»